
FRAGMENTOS BÍBLIA

JESUS NA ORIGEM DOS

CRISTIANISMOS ORIGINÁRIOS

Quando falamos em cristianismo, pensamos, subitamente, na figura de Jesus de Nazaré. As primeiras comunidades, fundamentadas na fé em torno da morte e ressurreição de Jesus, foram proclamadoras de um evento novo: compreenderam que, pela fé no Ressuscitado, Deus estava realizando a salvação dos seres humanos e do cosmos. De fato, para os diversos grupos que formaram os inícios dos cristianismos, o acontecimento “Jesus Cristo”, ou seja, o Ressuscitado foi o ponto fundamental da mensagem do Novo Testamento. Ao acreditarem, viverem e experimentarem a novidade da ressurreição de Jesus, os diversos grupos foram formando os vários cristianismos originários no Oriente Médio, no norte da África e na Europa.

Num primeiro momento, logo após a morte e ressurreição, o conteúdo de todo o Novo Testamento se condensou em duas palavras: “Jesus Cristo”. A profissão de fé dos inícios dos cristianismos originários se deu na compreensão de que um homem (Jesus) realizava tudo o que foi prometido no Antigo Testamento, na figura do Messias (Cristo). Era Ele o Enviado, o consagrado de Deus.

Num segundo momento, após as experiências dos anos 70 d.C, as comunidades foram acrescentando uma terceira palavra: “Filho de Deus”. O Evangelho de Marcos foi o primeiro (70 d.C) a colocar, por escrito, esta trilogia: “princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. E o Evangelho de João (95 d.C), arrematou esta compreensão de fé, ao escrever: “Estes (sinais), porém, foram escritos para credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus...”.

Esta profissão de fé dos inícios dos cristianismos é a expressão da compreensão de que Ele era, ao mesmo tempo, 100% homem e 100% Deus. “Jesus” era o nome de um homem que viveu na Palestina, quando o imperador romano era Tibério César e que foi assassinado na cruz no tempo do procurador romano Pôncio Pilatos. “Cristo” expressava a compreensão de que o que se esperava de alguém que realizasse as promessas messiânicas aconteceu nele. “Filho de Deus” expressava a transcendência divina de Jesus. Ele ressuscitou e foi elevado como Senhor, “para que se dobre todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra” (Fl 2,11).

Os diversos grupos que formaram os inícios dos cristianismos não se preocuparam em escrever qualquer biografia sobre o homem Jesus. Os primeiros cristãos se empenharam em anunciar o testemunho da fé (*kerygma*). Após algumas dezenas de anos de experiência e vivência, de pregação (*kerygma*) da Palavra é que foram colocando, por escrito, e, devagarzinho, foram escrevendo o Novo Testamento. Nestes escritos, repetimos, pouco conhecemos da biografia de Jesus. O empenho era a proclamação da Boa Nova: aquilo que Jesus significava para os que acreditavam na sua ressurreição.

Os grupos cristãos, logo no início, compreenderam o Jesus histórico a partir de sua ressurreição. Os textos do Novo Testamento foram escritos para proclamarem e suscitarem a fé naquele que viveu em Nazaré. O objetivo dos escritos era para proclamar “quem é Jesus hoje”. Na medida em que o Jesus terreno foi na história, para os primeiros cristãos, ele era, também, o Senhor ressuscitado “presente” no meio da história para os que vieram depois dele. Então, muito mais do que a preocupação biográfica, os escritores do Novo Testamento, com toda liberdade, expressaram sua visão teológica. Após a experiência da ressurreição e de Pentecostes (At 2,1-12), os vários grupos dos inícios do cristianismo professaram que Jesus é o Cristo, o Messias prometido e esperado do povo hebreu (2 Sm 7,14), o Filho de Deus.

Em quase todos os anos, no mês de setembro, mês da Bíblia, a Revista Fragmentos de Cultura escreve um tema bíblico. Neste ano, a Revista contempla os “Cristianismos Originários”. Para isso, alguns mestrandos do Programa em Ciências da Religião pesquisaram essa temática estimulante, escreveram os textos a fim de partilhar o saber bíblico com você, leitor/a.

Carolina Souza abordou “Jesus na origem do cristianismo”. Ela mostrou que diante do Jesus histórico sempre fica a questão de qual foi o processo de evolução do Jesus histórico, o taumaturgo galileu executado por questões políticas, para o Cristo da fé.

Célia pesquisou a intrigante linguagem apocalíptica que aparece em Mc 13. Este capítulo é o retrato de uma comunidade que vivia em fortes tensões por causa da crise no Império Romano e com as notícias da destruição de Israel e Jerusalém. O texto chama a atenção do leitor e o convida para não ter medo, porque o Ressuscitado estava presente no meio da comunidade.

Rogério procurou entender, dentro dos cristianismos originários, a “conversão de Paulo”. Mostrou as razões que levaram à essa conversão. Paulo negou dois princípios comuns como modelo de salvação: a eleição de Israel e a fidelidade à lei mosaica (Gl 3,8; 2,21). Na sua adesão a Jesus Cristo, Paulo percebeu que o Evangelho é para todos: judeus e gregos, escravos e livres, homens e mulheres (Gl 3,28).

Gilson aceitou o desafio de escrever sobre os grupos dos “cristãos antioquenos”, focando a comunidade de Antioquia da Síria. Ali surgiram controvérsias sobre relacionamentos de gentio-cristãos e judeu-cristãos em relação às prescrições judaicas de ritos domésticos e circuncisão adotadas pela Igreja de Jerusalém. A saída foi a abertura de fronteiras.

Robson mostrou a diferença entre “Parábolas e Alegorias”. Desenvolveu sua pesquisa mostrando que, provavelmente, o homem Jesus falou em Parábolas para o público camponês da Galiléia. Porém, mais tarde, quando essa linguagem foi levada para as cidades grandes, a linguagem teve que ser adaptada em “Alegorias”, ou seja, as Parábolas tiveram que ser adaptadas ao público das metrópoles.

Cleide Lazarin, entrando no universo da linguagem apocalíptica, uma literatura típica de tempos adversos e de perseguição, mostrou como o termo “Jesus” foi usado nessa linguagem.

A quatro mãos, Clodoaldo e Renato escreveram sobre a Escravidão no Império Romano e como Paulo se posicionou diante dela. Baseados em Gl 3,26-28 e no Bilhete a Filemon, os autores escreveram sobre a postura corajosa e profética do Apóstolo.

Guilherme Bujack trabalhou um tema intrigante: diante do ideal igualitário de alguns grupos, onde tudo era de todos, Ananias e Safira romperam com esse projeto, imitando o modo de produção escravagista romano. Por isso, o casal foi excluído.

Eliene, abordando At 2,1-12, refletiu sobre o fenômeno de Pentecostes e a linguagem do Espírito Santo. No final, ela apresentou a Linguagem do Amor como sendo a Linguagem do Espírito Santo, que pode ser compreendida por todos.

Marcina B. Severino, ao analisar a “Mulher e a Casa nos inícios do Cristianismo”, pesquisou sobre a importância da mulher nos inícios do

cristianismo. Elas que, antes, eram excluídas, passaram com os grupos de Paulo, a ocupar o seu espaço mostrando sua voz no anúncio do Evangelho.

Que o/a leitor/a desse número da Revista Fragmentos de Cultura possa beber do esforço desses articulistas em mostrar que foram vários os grupos que formaram os inícios do cristianismo. Cada grupo queria proclamar, partindo de sua situação vital, a partir da experiência na Ressurreição, que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus

Joel Antônio Ferreira
Coordenador Temático desta Edição